

O QUE PODE A LITERATURA PARA ADIAR O FIM: TEXTOS INDÍGENAS E ALTERNATIVAS PÓS-APOCALÍPTICAS

Roberto Mibielli
Sheila Praxedes

“Essa história de fim do mundo é só para os humanos.”
(Jaider Esbell, 2021)

“O que pode a literatura em tempos de colapso?”: a pergunta formulada por Carola Saavedra em *O mundo desdobrável: ensaios para depois do fim* (2021) constitui o ponto de partida deste texto. Em um contexto histórico em que a ideia de fim parece ter se deslocado do campo ficcional e se projeta de modo cada vez mais concreto sobre as sociedades contemporâneas, pensar as funções da literatura torna-se um exercício necessário, em que a dimensão estética não se dissocia da dimensão ética. A literatura, entendida como forma de elaboração simbólica do mundo, apresenta-se como espaço capaz de organizar a experiência, de nomear o que escapa à razão linear, de representar o irrepresentável e de criar sentidos mesmo diante da catástrofe. Ao narrar um mundo em ruínas, a literatura também intervém, ensaiando modos outros de existência e apresentando possibilidades de continuação que se sustentam pela imaginação e pela linguagem.

Carola Saavedra apoia-se na formulação de Antonio Candido, em “O direito à literatura”, para sustentar sua reflexão sobre o papel da literatura em tempos de crise, recordando que a literatura deve ser compreendida como prática indispensável da experiência humana. Para Candido, “A literatura é o sonho acordado das civilizações. Vista deste modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação” (Candido, 2004, p. 175-176). E é a partir dessa concepção que Carola destaca que mesmo diante do colapso civilizatório, o literário preserva a fabulação e assegura formas de significar a realidade quando outras linguagens parecem insuficientes, problema para o qual a ensaísta já aponta a resposta: “A literatura salva, dizem. [...]. Salva porque nos permite criar, através da ficção, uma origem e um futuro.” (Saavedra, 2021, p. 127). E é a mesma Carola que, no conto “Neon”, publicado em *O dia mais escuro* (2025), também pergunta: “Será que é possível escrever um conto de terror quando a realidade parece um conto de terror?”, uma dúvida retórica que aciona, ao mesmo tempo, o esgotamento das convenções narrativas e a literatura como espaço de permanência crítica.

Assim, ao compreender a literatura como instância de mediação e elaboração coletiva da experiência, pode-se afirmar seu alcance simbólico, político, estético e ético, sobretudo em contextos em que a destruição das formas de vida, das culturas, dos corpos e da linguagem se apresenta como ameaça constante. E é nesse horizonte que propomos a análise de dois textos que lidam com a noção de fim como possibilidade de passagem e de invenção: “Conversas para adiar o fim do mundo” (2016), de Jaider Esbell (publicado originalmente em seu blog, no contexto da 32ª Bienal de Arte de São Paulo, como parte da instalação *A Oca* de Bené Fonteles) e *O mundo desdobrável* (2021), de Carola Saavedra, ambos compreendidos como ensaios voltados à questão do fim. Esses textos recorrem a uma escrita que transita entre reflexão e narrativa, crítica e imaginação, ajustando-se ao que Emilio del Valle Escalante define como “escrita que pensa”, uma forma textual que integra cosmologias, análises históricas e estratégias literárias, sendo, portanto, “formas narrativas e discursivas que propõem modos próprios de pensar e interpretar o mundo” (Escalante, 2013, p. 9). Ainda que surgido em formato de post em blog, o texto de Esbell apresenta estrutura ensaística, marcada pelo caráter provocativo, pela oralidade e pelo vínculo com saberes tradicionais, enquanto o livro de Saavedra assume essa configuração desde o título,

propondo uma leitura em que o fim é apresentado como dobra que gera novos desdobramentos possíveis, e não como encerramento.

Frank Kermode, em *O sentido de um fim* (2023 [1967]), parte da constatação de que o homem é lançado no tempo em sua duração contínua, sem acesso ao início absoluto nem ao término final. Para dar inteligibilidade a essa experiência, cria narrativas que estabelecem pontos de origem e de encerramento, e, nesse processo, a literatura cumpre uma função estrutural ao transformar a contingência em enredo. É o que Natália Timerman, ao comentar a leitura de Kermode, descreve de maneira incisiva: “Lançados no meio do mundo, no meio de um tempo cuja origem e término não conseguimos alcançar a olho nu nem com o auxílio de qualquer aparato ou teoria científica, resta-nos inventá-los – e o fazemos o tempo todo. Mais: é inventando constantemente começos e fins que habitamos o tempo; que inventamos também o único tempo que pode ser nosso” (Timerman, 2022, p. 126).

Ao observar que a “sensação de fim” é uma constante cultural no Ocidente, Kermode mostra como as narrativas literárias funcionam como dispositivos de significação do caos e da crise, estabelecendo formas reconhecíveis de ordem. O “fim” em sua análise não é somente um evento terminal, mas um recurso de configuração narrativa que organiza crises, permite pensar o presente e introduz o humano em uma continuidade possível. No século XXI, porém, essa experiência ultrapassa o plano da ficção, alcançando a dimensão da catástrofe concreta: a emergência climática, o esgotamento de recursos e a destruição de modos de vida já não pertencem apenas à especulação literária, mas constituem ameaça real. Nesse contexto, a literatura pós-apocalíptica ganha relevância por dramatizar a crise a fim de expor, no espaço da ficção, os impasses do presente e possibilidades de futuro, sem se limitar à ideia de um término definitivo. O modelo de Kermode, que entende o fim como categoria organizadora do tempo narrativo, permite compreender tanto a tradição ocidental das distopias quanto perspectivas indígenas, nas quais, como observa Ailton Krenak (2019), o “fim do mundo” não corresponde a um apocalipse derradeiro, mas à falência de formas de existência baseadas na desconexão entre seres humanos e natureza.

Se, para Kermode, o fim atua como recurso narrativo que organiza a experiência temporal e dá inteligibilidade ao caos, a escrita de Jaider Esbell questiona os modos de narrar associados ao indígena e rompe com imagens fixadas pela tradição ocidental. O artista observa que “não é desejável que nos tornemos exploradores e que também não permitamos explorações, sejam dos homens, animais ou da natureza em sua completude” (Esbell, 2016), aproximando a noção de fim da esfera histórica, vinculada à persistência de lógicas coloniais e predatórias. Na mesma direção, problematiza o mito do “bom selvagem”, recusando representações românticas que o reduzem a um papel homogêneo: “os indígenas também têm ambição, ganância, fazem guerras, são territorialistas e realmente não vivem em um mundo romântico. É um mundo prático, livre e também cruel” (Esbell, 2016). O texto adquire, assim, uma função crítica ao inserir o indígena como sujeito histórico atravessado por contradições, e o faz por meio de uma escrita ensaística em que oralidade e reflexão se articulam. Quando afirma que sua obra artística “talvez venha mais para confundir que esclarecer” (Esbell, 2016), Esbell aproxima-se do princípio de negatividade característico do ensaio, em que dúvida e paradoxo não constituem falha, mas método, apontando para a necessidade de reconsiderar tanto as representações do indígena quanto os próprios modos de pensar a literatura.

E essa questão reposiciona a questão da literatura em cenários de crise, indicando que a ficção sobre o fim não diz respeito apenas a conteúdos narrativos, mas ao próprio estatuto da literatura como disciplina, posto que “Imaginar, como o fim do mundo sugere, um mundo radicalmente diferente ou, ainda, um presente no qual humanos são coparticipantes, e não os protagonistas, é

algo que afeta não só as produções literárias, mas também a teoria literária, habituada à centralidade da categoria ‘humano’ para pensar a literatura” (Santos, 2024, p. 10). Isso indica que pensar o apocalipse na literatura significa também rever os fundamentos da disciplina, problematizando o lugar que a crítica atribui ao humano como categoria central de análise.

Na tradição ocidental, a ficção distópica e apocalíptica projeta futuros distorcidos que funcionam como advertência. Obras como *1984* (George Orwell), *Admirável Mundo Novo* (Aldous Huxley), *O Conto da Aia* (Margaret Atwood), *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?* (Philip K. Dick) e o ciclo *Fundação* (Isaac Asimov) utilizam a ficção para criticar estruturas de poder, denunciar a degradação de valores e expor os limites da racionalidade moderna. Embora situadas em contextos históricos diversos, essas narrativas convergem ao dramatizar a ideia de fim, transformando crises políticas, sociais e tecnológicas em metáforas da fragilidade da condição humana. Do totalitarismo em Orwell à manipulação tecnológica em Huxley, da opressão de gênero em Atwood às fronteiras entre humano e máquina em Dick, até a visão sistêmica de impérios em Asimov, todas tematizam sociedades movidas pelo desejo de controle. Nesse corpus, a crítica literária identifica um conjunto que dá forma à “sensação de fim” descrita por Kermode, configurando-se como laboratório imaginário em que crises são organizadas e futuros possíveis são ensaiados.

É nesse horizonte que se inserem os ensaios de Jaider Esbell e de Carola Saavedra, ambos confrontando a questão do fim em registros distintos, mas complementares: o primeiro, ancorado na experiência indígena e na crítica às representações cristalizadas; o segundo, centrado nos limites da escrita diante da instabilidade contemporânea. Nas palavras de Saavedra: “Como escrever em tempos tão urgentes e estranhos? Como escrever sobre nós se cada vez sabemos menos quem somos? [...]. Em outras palavras, num mundo cada vez mais incerto, mais irrereal, como abordar a realidade?” (Saavedra, 2021, p. 11). As interrogações condensam a problemática que atravessa os dois textos: como narrar quando o mundo se encontra em ameaça de ruína? A força da literatura, nesse quadro, não reside em fornecer soluções imediatas, mas em sua capacidade de assegurar a permanência da narrativa quando outros discursos (político, econômico, científico) se revelam insuficientes diante das crises. O que a literatura pode, então, é manter o mundo narrável, adiando sua ruína simbólica enquanto for capaz de produzir recepção, memória e criação.

Referências:

- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- ESBELL, Jaider. Conversas para adiar o fim do mundo. 5 de dezembro de 2016. Disponível em: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2016/12/05/jaider-esbell-artista/>. Acesso em: 28 maio 2025.
- ESCALANTE, Emilio del Valle. Teorizando las literaturas indígenas contemporáneas: introducción. *A Contracorriente*, v. 10, n. 3, p. 1–20, 2013. Disponível em: <https://acontracorriente.chass.ncsu.edu/index.php/acontracorriente/article/view/712>. Acesso em: 28 maio 2025.
- KERMODE, Frank. *O sentido de um fim: estudos sobre a teoria da ficção*. São Paulo: Todavia, 2023.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SAAVEDRA, Carola. *O mundo desdobrável: ensaios para depois do fim*. Belo Horizonte: Relicário, 2021.
- SANTOS, Carolina dos Santos; ARAÚJO, Nabil. *Literatura, teoria e o fim do mundo: ensaios de adensamento do presente*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2024.
- TIMERMAN, Natália. O tempo da ficção e o fim dos tempos. In: SECCHES, Fabiane (org.). *Depois do fim: conversas sobre literatura e antropoceno*. São Paulo: Instante: 2022, p. 124-132.